



Alea: Estudos Neolatinos

ISSN: 1517-106X

alea@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Brasil

Pierangeli, Fabio

Para Salvatore Martino. Do mito e retorno

Alea: Estudos Neolatinos, vol. 8, núm. 1, janeiro junho, 2006, pp. 137-151

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33080110>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Para Salvatore Martino. Do mito e retorno

Fabio Pierangeli

Estou atormentado por demônios, por infernos. Assim, o poeta siciliano Salvatore Martino, nascido em 1940 nos arredores dos templos agrigentinos, mas já cidadão romano de longas datas, chegou à plena maturidade artística, em 2004, com *Libro da renúncia* [*Libro della cancellazione*], editado por Le Torri. No limiar, ele brinca. Não se resguarda do abismo, mas sim retém as faces e os vultos infernais, realiza e segura aquilo que se determina do fogo e da terra, do magma e do caos.

Com as palavras e a sensualidade, com a natureza e os polens na primavera, o poeta atravessou profundamente o caos no espaço e no tempo. Sua linguagem foi e é essa longa, atenta e complexa viagem da experimentação à cristalização sentenciosa da palavra. Do hermetismo da iluminação – através de uma tensão onírica levada à afasia – lembro do complexo e emblemático *A fundação de Nínive* [*La fondazione di Ninive*], de 1976, introdução de Ruggero Jacobbi, uma composição babélica de viagens e linguagens, torre e ilha desconhecidas<sup>1</sup>; da reflexão sobre o mito em *As cidades possuídas pela lua* [*Le città possedute dalla luna*], de 1978, e deste *Libro da renúncia*, no qual habitam palavras doadas pela sabedoria, musicalmente palpitantes de amor pela humanidade e pela natureza.

No longo percurso de Martino, os demônios da mente e do corpo, da sensualidade e da poesia, da ambição e da sedução da alma são eficazes condições gnoseológicas por estarem de acordo com a vida, com os seus fascinantes turbilhões contraditórios. O inferno que criamos em união à inveja, à ambição prevaricadora do poder, às escórias, às corrupções e aos falsos deuses, às paixões de plástico do consumismo, aos discursos terminais, ao poderoso esvaziamento das palavras que sofreram abusos, que foram torturadas,

<sup>1</sup> Os outros livros de Salvatore Martino são: *Attraverso l'Assiria* (Terzo millennio, 1969), *Commemorazione dei vivi* (Rebellato, 1979), *Avanzare di ritorno* (Lalli, 1984), *La tredicesima fática* (Lacaita, 1987), *Il guardiano dei cobra* (Cultura, 1992).

divididas, aviltadas, são, ao contrário, os demônios temíveis de que o poeta se afasta.

Neste último livro, no entanto, não há um sinal de lamento, talvez uma busca, uma emoção. Mas, antes de tudo, um desejo de apagar tais escórias e retornar – o máximo possível – a uma relação verdadeira com o mundo. De modo solene, mescla-se à poesia, a fim de não cair na fácil tentação da prédica e do moralismo, como aquele que julga os outros e permite a si próprio o lema: o fim justifica os meios. Não há sinais em Martino de tons sentenciosos, de púlpito ou de discursos pretensiosos.

Os demônios da palavra desapareceram depois de terem deixado páginas memoráveis, pausas, intrigas, labirintos. A partir de *As cidades possuídas pela lua* a *Livro da renúncia*, Salvatore Martino inicia outro caminho. Como profetizou seu caro amigo, cara memória aqui evocada, Libero De Libero:

Do meu estilo caótico falavas  
*Del mio stile caotico parlavi*

Obscuro no mar de palavras  
*Oscuro nel mare di parole*

Mas eu devia caminhar por aquela estrada  
*Ma io dovevo camminare quella strada*

Para uma meta de simplicidade  
*Verso una metà di semplicità*

Escutando o magma informe  
*Ascoltando il magma informato*

que dentro dormia.  
*che dentro dormiva.*

O magma incandescente lança palavras, quase como a sensualidade. Na primavera, deseja disseminar o seu pólen e acusa os limites, as sufocações, as aventuras erradas, não por tê-las iniciadas, mas para os seus imprevistos êxitos de forças contrárias – talvez com um idêntico peso de razão.

A simplicidade corresponde à sabedoria, à firmeza, a uma leve dor, mas não à resignação, à paralisia, à insensibilidade. Corresponde à palavra fluente e polissêmica, capaz de condensar entre muitos silêncios o destino último da viagem, do aportar, do salino que queima, do azul do mar. O obscuro oceano de palavras é então a tempestade repentina, a taxa paga na fronteira, o certo dos anos. É o ansiar pelo não saber na necessidade poética de comunicar. Intitula-se *Acerca do que entendo por poesia* [*Intorno a quel che intendo per poesia*] essa

admirável lírica, impressa pela doce lembrança de De Libero,  
e que delineia, silenciosamente, os contornos de uma poética:

Buscar o vulto do enigma  
*Ricercare il volto dell'enigma*

isto é para mim a poesia  
*questo è per me la poesia*

a resposta que não podes encontrar  
*la risposta che non puoi trovare*

a loucura do espelho  
*la follia dello specchio*

a música o silêncio a harmonia  
*la musica il silenzio l'armonia*

aquela capacidade de penetrar  
*quella capacità di penetrare*

o palácio secreto  
*il palazzo segreto*

de preencher a distância das estrelas  
*di colmare il distacco dalle stelle*

a alegre inocência da lua.  
*la beata innocenza della luna*

Mas como reconquistar o infinito? Seduzindo com beleza os próprios versos, forjando-a, atraindo novamente para os homens os seus olhos distantes, procurando doar um pedaço de céu, de lua remota. A força e o reflexo do enigma na poesia de Salvatore Martino consistem na viagem, na busca nunca adormecida, nos raros momentos de êxtase. E é vivendo na cidade possuída pela lua que se faz ressoar mais uma vez a utopia.

Eis o demônio, o anjo caído, o deus menor:

É o anjo caído a poesia  
*E' l'angelo caduto la poesia*

mas possuí o ouvido do Senhor  
*ma possiede l'orecchio del Signore*

é o garoto que incendeia  
*è il fanciullo che incendia*

a treva infinita  
*la tenebra infinita*

É o guardião da viagem  
*E' il custode del viaggio*

o farol circular  
*il faro circolare*

aquela fatalidade profetizada  
*quella fatalità presagita*  
o raio da aurora  
*il lampo dell'aurora*  
é aquela enganadora estória  
*è quella ingannevole storia*  
que frivolamente e doce nos possui.  
*che vanamente e dolce ci possiede*

Cair do alto, manter-se em equilíbrio no alto, na lama pedir para voltar. Isto prevê o anular-se, o não desdenhar os oxímoros, a feliz, mas não tranqüila contradição do mundo, tendo a coragem, como a fênix, de renascer e de novo morrer.

Martino se anulou no redemoinho das palavras, na experimentação, na criação de mundos e utopias alternativas para depois – jovem amadurecido, desditoso cantor da sorte do mundo e vigoroso cantor de beleza e força – voltar ao mundo da simplicidade, dos territórios encantados e impregnados de paixão pelo humano em que a poesia ainda consente seguir. Desta vez, esclarecendo a magmática palavra, assim como Orfeu sobe, mas ousa descer outra vez ao inferno.

Se for certamente poesia órfica, a cristalina pureza pagã se alinha à tração poética ocidental, que de cristã transmuta em gnóstica dos trovadores até Blake e Rilke. Esses modelos, os demônios, em busca do altar consagrado aos deuses, numa poesia afável, penetrante e, ao mesmo tempo, filosófica, de questões extremas e radicais, escondidas pela aparente facilidade da leitura. A poesia de Martino é insaciável de movimento, da Sicília ao México, por lugares fantásticos e reais. Todos os mares do mundo, locais eleitos e evocados que depois não são mais os mesmos, permanecem pelos versos, ondas sobre areia, rocha. Salvatore Martino é *rambler*<sup>2</sup>.

Viajando até a paisagem lunar, verossímil e fantástica, com a qual quis empoeirar, leve forma de distância em cidades geográficas distantes e existencialmente próximas, o seu mundo poético em seu último livro editado, o já mencionado *As cidades possuídas pela lua*. Em perfeito equilíbrio, o múltiplo geográfico e o unitário poético se encontram no estilo seco e essencial, ainda mais lírico. Intimista e brutal com o mundo. Diante do seu lugar

<sup>2</sup> N.do T.: Optou-se por manter o original, porém *rambler* poderia ser traduzido como 'andarilho'.

único (os campos romanos fora da cidade, próxima do Soratte declamado pelos poetas), ponto mágico onde converge um conhecimento do mundo, em equilíbrio entre muita amargura e um pequeno aceno de esperança. Dignamente atento à voz interior, em meio a tanta algazarra de idiotices, na qual Martino se sente estranho não por esnobismo, mas eventualmente por amor, ocioso dolorosamente exilado. Nesse exílio, nasce *Livro da renúncia*. Em um turbilhão poético ressecado, como pelo capim à beira de um barranco, não de renúncia definitiva, mas talvez de derrota resignada. Um velocista, na linha de partida, à espera do tiro que o leve a uma nova existência, mas, enquanto isso, preso e cansado, aflito no espasmo de um nervo tenso, de uma câibra. A viagem chega a um alto valor poético, em que revive um colóquio debilitado com mestres de vida e poesia, de uma humanidade recente. Tais diálogos são pérolas luminosas, memória de luz, como do túnel de uma brusca noite se entrevê, muito longe, um murmúrio de claridade.

A simplicidade dramática e tensa é um trabalho assíduo de espoliação do banal, estilístico e existencial, um tormento vital e corajoso, uma digna autocensura. Não posso esquecer outro compromisso de Salvatore Martino: o teatro, com uma longa carreira “nas costas” e muitos projetos no futuro. Um traço essencial, felizmente paradoxal, que une as duas experiências artísticas nesse período. Nas prisões, Salvatore está levando, *rambler* pela Itália, um espetáculo seu sobre o texto de Hugo, *O último dia de um condenado à morte* [*L’ultimo giorno di un condannato a morte*], em que cria uma impressionante cumplicidade com os detentos com os quais ensaiou durante a montagem (fui testemunha disso no cárcere romano Regina Coeli).

O teatro, a ação livre do corpo sobre um texto escrito e improvisado – de qualquer modo, sempre diferente – e o cárcere, a noção estrutural e simbólica, além de real, da reclusão, a comoção da caridade para com o homem também são elementos de seu poetizar dessas líricas reunidas (o texto recita exatamente as últimas palavras de um condenado à morte).

Subtrai e aprisiona diante da escuridão das guerras presentes, da incivilidade e barbárie, sofisticada, dos poderosos das imagens. Renuncia. Renuncia-se. Aprisiona-se, até desaparecer do mundo. E esse nada grita tão alto que nos faz amar e saborear a liberdade. É um belíssimo jogo de paradoxos, é exatamente cárcere, aspiração ao sublime numa sociedade anti-sublime (“se o cárcere obsessivo/ do prazer da harmonia do belo”<sup>\*</sup>), está no centro da meditação da

<sup>\*</sup> “se il carcere ossessivo/  
del piacere dell’armonia  
del bello”.

\* "la scala dimenticata contro l'albero".

\* "Chi siamo mi domando? Quale fato ci guida?".

sintética lírica epônima do livro. O errar de Martino termina com imagens de graça cotidiana, "a escada esquecida contra a árvore"\*, percorrida pelo fogo inextinguível das questões eternas: "Quem somos me pergunto? Qual sorte nos guia?"\*

Faz-se sentir o tremor gentil e nobre de uma última aparição de liberdade, a poesia cultivada naquela amizade de verdadeira humanidade com personagens da cultura italiana e estrangeira. Como na lírica epônima, "Livro da renúncia":

Pergunto-me às vezes

*Mi chiedo a volte*

Quando do rio sobem os vapores

*quando dal fiume salgono i vapori*

e a paisagem assume

*e il paesaggio assume*

as cores tonais do despertar

*i colori tonali del risveglio*

Pergunto-me às vezes

*mi chiedo a volte*

onde se dispersa a vereda marcada

*dove si disperde il sentiero fissato*

se o cárcere obsessivo

*se il carcere ossessivo*

do prazer da harmonia do belo

*del piacere dell'armonia del bello*

pode exorcizar

*possa esorcizzare*

este coágulo de signos

*questo aggrumo di segni*

este habitar dentro da ferida

*questo abitare dentro la ferita*

Quem somos, me pergunto?

*Chi siamo mi domando?*

Qual sorte nos guia?

*Quale fato ci guida?*

Tornam-se respostas as perguntas

*Diventano risposta le domande*

Sem nunca sê-lo

*senza mai esserlo*

o que importa?

*che importa?*

Talvez sejamos aquele fogo imaginário  
*Forse siamo quel fuoco immaginario*

A montanha coberta de geleiras  
*la montagna coperta di ghiacciai*

A escada esquecida contra a árvore  
*la scala dimenticata contro l'albero*

A tormenta e a lua  
*la tormenta e la luna*

Somos os depositários do absurdo  
*Siamo i depositari dell'assurdo*

O viandante emerso da argila  
*il viandante emerso dalle crete*

O vazio de um adeus  
*il vuoto di un addio*

A areia que purifica os pecados  
*la sabbia che purifica i peccati*

O farol entrevisto de longe  
*il faro intravisto di lontano*

Somos a água do rio dos danados  
*Siamo l'acqua del fiume dei dannati*

A crônica infinita das lutas  
*la cronaca infinita delle lotte*

O arbítrio e o esquecimento  
*l'arbitrio e la dimenticanza*

Somos a ilha já desabitada  
*siamo l'isola ormai disabitata*

Somos a estrada alada  
*siamo la strada alata*

A renúncia  
*la cancellazione*

É uma percepção ultimamente positiva da natureza, animada, rica de presença. Cuida-se dela como daquele jardim real e simbólico, labirinto de alma e lugar de escrita. Um outro tema central, além da renúncia e da viagem, acompanha o longuíssimo e premiado itinerário de Salvatore Martino:

AQUELA PARTIDA QUE NÃO SABES JOGAR  
*QUELLA PARTITA CHE NON SAI GIOCARE*



Quem sabe? São os deuses  
*Chissà? Sono gli dèi*  
a mover o branco e preto  
*a muovere il bianco e il nero*  
da nossa partida?  
*della nostra partita?*  
ou talvez sejam os homens a sonhar  
*O forse sono gli uomini a sognare*  
os movimentos do tabuleiro  
*i movimenti della scacchiera*  
esta batalha com a sorte  
*questa battaglia con la sorte*

Os jogadores seguem o movimento  
*I giocatori inseguono la mossa*  
inventam aqueles sucessivos  
*inventano quelle successive*  
não conhecem o vulto  
*non conoscono il volto*  
o frio a eficiência o medo  
*il freddo l'efficienza la paura*  
do adversário cego  
*dell'avversario cieco*  
do outro lado do quadrado  
*dalla parte opposta del quadrato*

Tentam mexer torres bispos  
*Tentano di spostare torri alfieri*  
atacar o rei com as peças  
*di attaccare il re con le pedine*  
oferecem os flancos aos cavalos  
*prestano il fianco ai cavalli*  
armam cilada para a rainha  
*tendono l'agguato alla regina*  
um jogo de pequenas trapaças  
*un gioco di piccoli raggiri*  
sobre plano fatalmente em duas cores  
*sul piano fatalmente in due colori*

Somos as peças de marfim?  
*Siamo i pezzi d'avorio?*

Ou os homens? Ou os deuses?  
*O gli uomini? O gli dei?*

Todos engaiolados  
*Tutti ingabbiati*

Todos sem saída  
*tutti senza uscita*

Quem sabe se Deus joga a partida?  
*Chissà se Dio la gioca la partita?*

Se distraído nos move com pensamento?  
*Se distratto ci muove col pensiero?*

Ou ele também é movido  
*O anch'Egli è mosso*

por uma peça mais distante?  
*da una pedina ancora più lontana?*

Como se torna estranha esta estória  
*Come diventa strana questa storia*

um cálculo e condiciona  
*un calcolo e condiziona*

todo o jogo.  
*tutto il gioco.*

eu o queria encontrar  
*Io lo vorrei incontrare*

este fogo  
*questo fuoco*

este divino conhecimento  
*questa divina conoscenza*

em uma estação de periferia  
*in una stazione di periferia*

no hall de um hotel em ruínas  
*nella hall di un albergo fatiscente*

em uma louca corrida numa auto-estrada  
*in una folle corsa in autostrada*

Mas realmente nasceu  
*Ma è veramente nata*

essa tola disputa que vivemos?  
*questa sciocca contesa che viviamo?*

Mestamente abandono  
*Mestamente abbandono*

os quadrados perfeitos  
*i quadrati perfetti*  
 onde as fileiras se defrontam  
*dove le schiere si fronteggiano*  
 em cromática fuga  
*in cromatica fuga*  
 sobre leito fatalmente em duas cores  
*sul letto fatalmente in due colori*  
 o engano  
*l'inganno*  
 o fingimento  
*la finzione*  
 na aurora e do sonho recompostos).  
*nell'alba e dal sogno ricomposti.*

Torna-se pungente o pedido de beleza, entendida como um universo em que se podem encontrar os deuses nas variadas formas da natureza e da criatividade humana. Com uma dupla suspeita: que estes não sejam nada mais que o cenário fictício de um evento ou de eventos esperados no futuro, e que talvez tenham alegrado o mundo em tempos de origens douradas ou, ao contrário, que a vida seja tão sutil de razões, tornando-se, na sua totalidade, ilusão.

Todavia o grito, a força, momento central e talvez único do livro, não pára de ecoar, de desejar: “Eu o queria encontrar/ este fogo/ este divino conhecimento/ em uma estação de periferia”\*. É necessário abandonar os quadrados fixados, o lugar determinado, exonerar-se do mundo da legislação pactuada, mesmo que nos primeiros momentos isso provoque tristezas e melancolias. A glória mundana provavelmente não alegrará o poeta verdadeiro, sozinho consigo mesmo em meditação. A não ser em oração, secularmente no limiar da aurora, como se fosse o início de todas as coisas em uma posição de escuta originária:

ORAÇÃO NO LIMIAR DA AURORA  
*PREGHIERA AL LIMITAR DELL'ALBA*

Elevou-se a deturpar  
*Salito a deturpare*  
 com a luz o engano  
*con la luce l'inganno*  
 astro que pensa a noite  
*astro che ragiona della notte*

\* “Io lo vorrei incontrare/  
 questo fuoco/ questa di-  
 vina conoscenza/ in una  
 stazione di periferia”.

a magia da nostalgia  
*la magia del rimpianto*  
aquela solar da renúncia  
*quella solare della cancellazione*

O deus não fala  
*Il dio non parla*  
na ambígua morada  
*nell'ambigua dimora*  
cada vingança sua é uma esperança  
*ogni vendetta sua è una speranza*  
cada minha rebelião um obedecer  
*ogni mia ribellione un obbedire*

Réstia de neve liquefeita  
*Treccia di neve liquefatta*  
me chames do oráculo perdido  
*mi chiami dall'oracolo perduto*  
para qual signo me arrastas?  
*a quale segno mi trascini?*  
Como desenganar a traição?  
*Come vanificare il tradimento?*

Vazio artifício  
*Vuoto artificio*  
que socorres os náufragos  
*che soccorri i naufraghi*  
astro gelado das manhãs  
*astro gelato dei mattini*  
crucífero da ânsia  
*crocifero dell'ansia*  
Com tua manta escondes o medo  
*col tuo mantello celi la paura*  
na voz segura florescem  
*nella voce sicura fioriscono*  
todos os juramentos  
*tutti i giuramenti*

Quando poderemos transpor o mito?  
*Quando potremo sconfinare il mito?*  
e consagrar ao vento a saliva  
*e consacrare al vento la saliva*

como uma cantilena de silêncios?  
*come una cantilena di silenzi?*

Venha confundir as mentes  
*Vieni a confondere le menti*

demônio branco  
*dèmone bianco*

a rondar os passos da saída.  
*a circondare i passi dell'uscita.*

Eis divino, venha. Na sua própria imagem, ilumine os contrastes: demônio, mas branco, como um anjo. Fogo e gelo em versos memoráveis, entre a audácia da criação, saturação do tédio, consciência do limite. Todos condensados numa fórmula antiquíssima que se coloca agora como pergunta crucial que persegue Martino da aurora de seu caos: mas existem ou nunca existiram esses demônios, e esses deuses, do bem e do mal, adorados e adoradores dos destinos do belo?

Nessas luminosas encarnações, no altar do belo e do justo, convergem os versos do poeta. Eles são o fim da viagem, como sugestivamente escreve Sergio Campailla, que viajou longamente com Martino na estrepitosa introdução do livro: “A sua inconsciente paixão pela derrota se transformou, pela sabedoria de um deus alquimista, numa esplêndida vitória lírica [...] a própria viagem é uma iniciação para o absoluto. Basta, na bagagem, um moeda de ferro, o óbolo para o condutor. E eis o hino a Hermes, a divindade dos segredos, o guia cúmplice”.

A derrota, inicialmente, era mitigada pelo protesto das palavras, agora é catarse e hino, pergunta e invectiva. Os deuses não existiam, eram presenças cobiçadas de sombra escura na potente caótica descrição da primeira viagem em *A fundação de Nínive*. O respeitável prefaciador, ele também companheiro e mestre de Martino, Ruggiero Jacobbi: “Martino é, literariamente, de família grega: o seu simbolismo se inclina para o alexandrino, o seu surrealismo tem um fundamento clássico. Ele sabe muito bem que ‘O deus não volta’, e este é o sentido da história; mas sabe também que não tem resposta”.

“Aqui não se vence mais”, continuava o grande crítico, citando um verso emblemático de Nínive e estigmatizando depois como – nesse sentido de morte – Martino encontra uma saída, o caminho da salvação em um novo labirinto, aquele do sexo: “Todo contato carnal é ‘condenação’, mas ao mesmo tempo con-

tém o início e o impacto da verdade. Desta passagem sensual, nunca negligenciando a carne e os seus reflexos misteriosos, Martino se encaminha no signo de uma humilde e ativa busca, até encontrá-los, nas últimas coletâneas, aqueles deuses pelo menos em forma de suspeita e de pergunta, paralelamente ao caminho que foi dito anteriormente: da renúncia estilística e do pensamento, da maturidade adquirida. Estes estão dentro do poeta que está em nós e precisam ser redescobertos numa imagem do homem, suprimidos os detritos que ainda pesam, olhando para fora a natureza e as suas incessantes metamorfoses”.

Dessa forma, nasce um livro de sabedoria absoluta, poesia leve e filosófica, em equilíbrio admirável, onde o protagonista é o *puer* em busca da alma. Que precisa se anular do outro mundo, aquele feroz, materialista, da luta e dos desejos perturbados, dos sonhos nunca tidos ou interditos. Sacrificar-se, renunciar-se, para obter dentro de si mesmo a volta dos deuses, da poesia verdadeira. É renúncia ou compromisso para o humano? Talvez só Ceronetti e, de modo bem diverso, Testori tenham tentado uma poesia tão agudamente ética, sem limites no moralismo, ensinando a beleza da carne e da alma, como de longe, sem impor, impondo-se respeitavelmente lá onde se encontra o leitor, o outro pronto para colher a mensagem, a cumprir a mesma obra de renúncia.

Com certeza, é um movimento de poucos e Martino o sabe bem, e não consegue se livrar das garras da angústia e da tristeza da sorte do mundo. Assim o renunciar-se permanece um movimento duplo: do mundo e de si mesmo, em busca de uma verdade urgente para comunicar, mas destinada a poucos, aos livres.

Na lírica em que mais atormentada e urgente se constitui a questão da vida dos deuses, ou seja, da alma carnal, nós o compreendemos, com seus conteúdos irracionais, de luz, sombra e inconsciência, Martino pode concluir, oferecendo-nos a chave da viagem, da próxima viagem poética, o absoluto:

Aconteceram de verdade estas coisas?

*Accaddero davvero queste cose?*

Em qual tempo de nossa memória?

*In quale tempo della nostra memoria?*

São o reflexo de um pensamento

*Sono il riflesso di un pensiero*

de uma ânsia de um fado de um delírio?

*di un'ansia di un fato di un delirio?*

A nota abandonada  
*La nota abbandonata*  
sobre um teclado que não toca mais?  
*sopra una tastiera che non suona più?*

Talvez sejam pesadelos do mar  
*Forse sono l'incubo del mare*

A invisível pegada sobre a areia  
*l'invisibile orma sulla rena*

Aquela água  
*quell'acqua*

Que nos envolve e nos perde  
*che ci avvolge e ci perde*

Nos transporta  
*ci tramanda*

Intactos para o absoluto.  
*intatti all'assoluto*

Isso nos envolve, nos perde, nos transporta formidável  
terna. Na inefável esperança, viajar intactos no último limiar,  
até o último limiar, o absoluto. No espaço e no tempo.

Tradução  
Júlio César Carvalho [UNESA]

Fabio Pierangeli

Pesquisador junto à Universidade de Roma “Tor Vergata”, trabalha sobretudo com poesia e narrativa moderna e contemporânea. Tem livros monográficos sobre Pavese, Pasolini, Calvino, Gadda, além de ensaios sobre Leopardi, Verga, Pascoli, Montale, Testori, Morselli e Caproni, entre outros. Preparou para a editora Gribaud, de Turim, *Biografie per immagini: Carlo Emilio Gadda, Luigi Pirandello*, e, com Patrizio Barbaro, *Italo Calvino e Pier Paolo Pasolini*. Publicou ainda *Carlo Emilio Gadda. L'indagine dolorosa* (1998) e o recente *Ultima narrativa italiana (1983-2000)*. Seus ensaios têm sido publicados em *Italianistica*, *Rivista di Studi Italiani*, *Studium*, *Campi Immaginabili*, *Proteo*, *Sigma*, *Tempo Presente*, *L'Occhiale*. É também redator de *Sincronie* e *La Scrittura*.

## Resumo

No espaço e no tempo, da poesia ao infinito, Salvatore Martino caminha ao longo da estrada das palavras enigmáticas, criando um fascinante ritual de experiências.

## Abstract

Salvatore Martino treads the pathway of enigmatic words, in space and time, thus creating a fascinating ritual of manifold experiences.

## Riassunto

Nello spazio e nel tempo, dalla poesia all'infinito, Salvatore Martino cammina attraverso la strada delle parole enigmatiche, creando un fascinante rituale di esperienze.

### Palavras-chave

Salvatore Martino  
mito  
poesia

### Key words

Salvatore Martino  
myth  
poetry

### Parole chiave

Salvatore Martino  
mito  
poesia

### Recebido em

15/10/2005

### Aprovado em

23/12/2005